

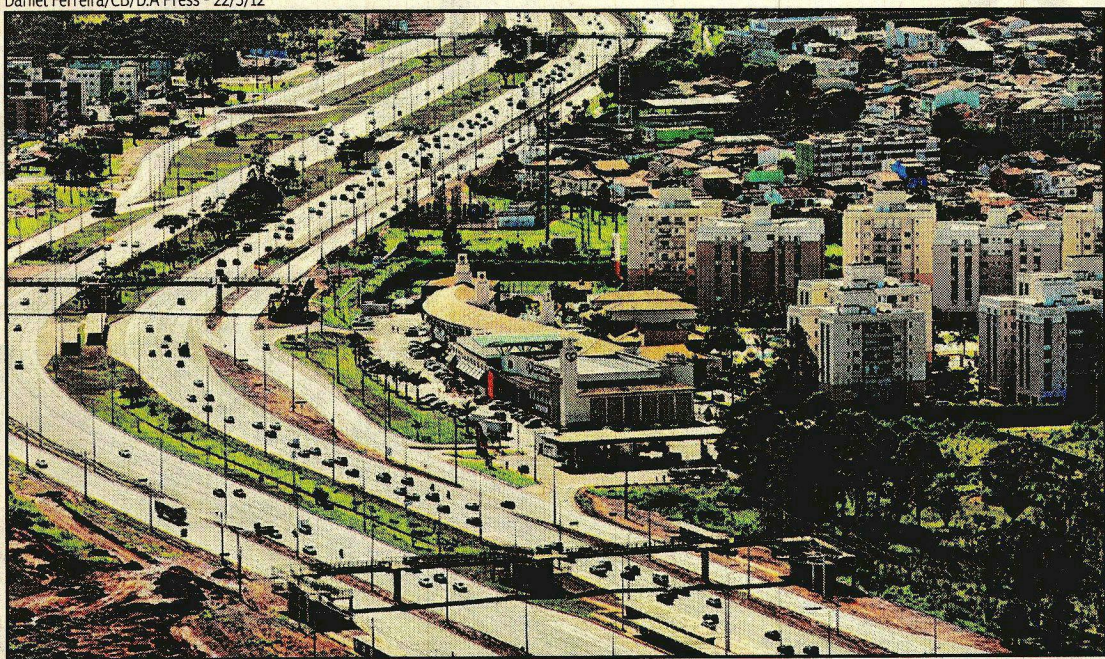
**MEIO AMBIENTE /** Ocupações irregulares do lado oeste e expansão agrícola na região leste do Distrito Federal são apontadas como as principais causas do desmatamento. Alertas foram ignorados pelos sucessivos governos

F. Gualberto/CB/D.A Press - 3/1/87



A Estrada Parque Taguatinga, em 1987, com árvores bem próximas por toda a extensão da pista...

Daniel Ferreira/CB/D.A Press - 22/3/12



... E hoje, ampliada para suportar o aumento da frota de automóveis, tem dezenas de prédios nas margens

# Crescimento e desordem

» ARIADNE SAKKIS  
» ADRIANA BERNARDES

Historicamente, a pressão por moradia e a necessidade de expansão da atividade agrícola resultaram na devastação da vegetação nativa. O primeiro caso é mais gritante na porção oeste do território, onde ficam Ceilândia, Samambaia e Recanto das Emas. Juntas, elas são as cidades que mais trocaram o verde pelo concreto e o asfalto. No lado leste do quadrilátero, a perda do cerrado se deu em virtude da vocação das regiões de Planaltina e do Paranoá para a produção de alimentos (veja mapas).

A ocupação da porção central do DF era motivo de preocupação desde 1970. Já naquela época, técnicos do governo alertavam para a necessidade de proteger a **Bacia do Paranoá**, incluindo seus mananciais e o Lago Paranoá propriamente dito. Seguindo essa diretriz, o Zoneamento Sanitário do DF de 1975 regulou a ocupação do Lago Paranoá por conta do risco de “escassez dos recursos hídricos”. Chegou-se à conclusão de que era fundamental coibir a formação de novas cidades-satélites nesta bacia, com exceção do Núcleo Bandeirante, que já existia, e do Guará, criado em 1969.

Mas o alerta ficou apenas no papel. Em 1975, tiveram início a grilagem de terras e os parcelamentos irregulares no DF. No Plano Diretor de Ordenamento Territorial (Pdot) consta que o condomínio Quintas da Alvorada, na altura da QI 29 do Lago Sul, foi o primeiro parcelamento ilegal de terras. Depois, no entanto, vieram outros, às dezenas. E, apesar de jogar por terra qualquer tentativa de planejamento e colocar em risco o futuro dos recursos hídricos da capital, sucessivos governos permitiram a prática criminosa até meados de 2007. Resultado: no DF, existem 513 parcelamentos, que abrigam entre 25% e 30% da população.

Os danos causados por eles só foram colocados no papel há 20 anos, quando se escreveu no Pdot que eles provocaram “elevados custos sociais da organização



**“A única época que lembro de haver uma política voltada para o desenvolvimento do Entorno foi durante a ditadura militar, com o Plano Nacional de Desenvolvimento. Se tivesse havido planejamento para as cidades que cercam Brasília, teríamos evitado muitos problemas atuais”**

**Tania Battella,**  
arquiteta e urbanista

## Maior

É a que apresenta a maior concentração de moradores e inclui as regiões administrativas de Brasília, Lago Norte, Lago Sul, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo, Candangolândia, Cruzeiro, Guará e Taguatinga.

Daniel Ferreira/CB/D.A Press - 22/3/12



Ceilândia é uma das regiões administrativas que mais trocaram o verde pelo concreto e o asfalto

## Três perguntas para

### TANIA BATTELLA, ARQUITETA E URBANISTA

#### Como a senhora avalia a devastação do cerrado no DF?

A perda do verde é absolutamente preocupante. Jamais iríamos imaginar que desabamentos provocariam a morte de alguém, como aconteceu recentemente. Essa é apenas uma das consequências das ocupações irregulares. O Estado é incompetente e não tem exercido seu dever de planejar e impedir a ocupação de áreas impróprias. É um poder negligenciado que traz resultados gravíssimos porque coloca em risco a vida das pessoas.

#### Onde essa devastação do meio ambiente é mais gritante?

Do ponto de vista geral, ela ocorreu de forma mais intensa a partir do retalhamento do território com loteamentos irregulares. As ocupações da Bacia do São Bartolomeu acabaram com a possibilidade de uso da última reserva de água do DF. Ninguém pagou por esses danos, mas a sociedade vai pagar caro. Também perdemos verde na área tombada com o avanço dos puxadinhos e quiosques que estão sendo regularizados pelo governo. E a ganância não para. Agora querem que a sociedade engula a 901 Norte, uma imensa área verde, incluída na escala bucólica. Tem a ampliação do Sudoeste com a quadra 500. Eu diria que estão comendo o boi aos bifes. De

pouquinho em pouquinho estão acabando com as áreas verdes que ainda restam.

#### Existe saída para que o pouco verde que resta seja preservado?

O Estado pode ter o melhor plano diretor do mundo, mas se não tiver controle na implementação não adianta absolutamente nada. É um documento na gaveta. Infelizmente, é ao que temos assistido. Nesse processo, passa a ser mais importante o envolvimento da sociedade. Nós temos que participar da elaboração desse plano e cobrar a sua execução. Deveríamos ter um Procon do uso do solo para que as pessoas pudessem denunciar e reivindicar o cumprimento da lei.

territorial do DF e a degradação ambiental... especialmente na Bacia do São Bartolomeu, que abrange entre outras, as regiões de Planaltina, São Sebastião, Sobradinho e Paranoá”.

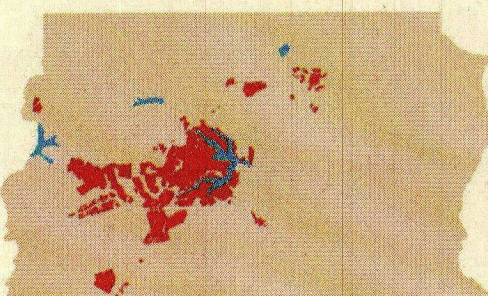
## Agricultura

Com mais moradores, a substituição do cerrado pela atividade agrícola também foi uma consequência natural para atender a demanda dos habitantes por alimentos. Mas, contraditoriamente, essas áreas tiveram seus espaços reduzidos ao serem convertidas, gradativamente, em parcelamentos urbanos. O caso mais emblemático é Vicente Pires. Entre 1960 e 1995, a região era rural, atividade possível graças à concessão de uso das terras da União para exploração agrícola. No entanto, muitos chacareiros viram no parcelamento e na venda ilegal dos lotes uma mina de dinheiro. Hoje, cerca de 75 mil pessoas vivem em casas irregulares numa cidade desprovida de saneamento básico.

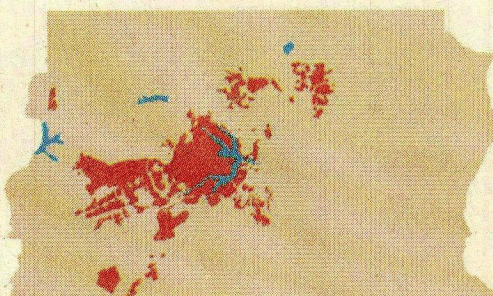
Na opinião da arquiteta e urbanista Tania Battella, o DF está na contramão da finalidade de Brasília. Segundo ela, a capital não tem que resolver em seu território todos os problemas do Centro-Oeste. Deveria ser o contrário, defende. Brasília deveria na verdade promover o desenvolvimento dessa região, até porque seu território não tem espaço para absorver a demanda por moradia, as atividades geradoras de emprego e os serviços públicos de saúde, educação, lazer.

De acordo com Tânia Battella, a omissão dos poderes contribuiu para o caos atual. “A única época que lembro de haver uma política voltada para o desenvolvimento do Entorno foi durante a ditadura militar, com o Plano Nacional de Desenvolvimento. Se tivesse havido planejamento para as cidades que cercam Brasília, teríamos evitado muitos problemas atuais”, diz (leia Três perguntas para).

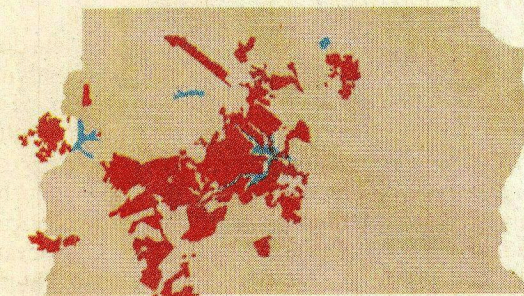
» Leia amanhã sobre o impacto da devastação na temperatura



**1991** Entre 1989 e 1994, pressionado pela demanda habitacional, o governo oferta 100 mil lotes para população de baixa renda. Nasceram as semiurbanizadas Santa Maria, Recanto das Emas e São Sebastião. Ao mesmo tempo, até 1995, são contabilizados 529 parcelamentos frutos de grilagem de terra pública e particular.



**1997** Os vazios entre o Plano Piloto e Taguatinga são quase integralmente preenchidos por áreas de ocupação unifamiliar. Em Sobradinho e Planaltina, há cada vez mais dispersão de moradias em zonas de cerrado. As margens das rodovias de ligação entre o DF e o Entorno começam a ser ocupadas.



**2004** Observa-se o adensamento das ocupações residenciais nos limites de importantes áreas de proteção ambiental, como o Parque Nacional de Brasília. Só entre 1998 e 2001, o DF vê a parte urbana crescer 12,6%, enquanto há uma perda de 29% na área reflorestada



**2010** Nos últimos 10 anos, intensificou-se o processo de ocupação dos municípios do Entorno e muitos acabaram emendados ao DF. O novo Plano Diretor de Ordenamento Territorial aumentou a zona urbana e direcionou o crescimento para a mancha sul do território. A criação de mais condomínios diminuiu, mas ainda há registros de novos parcelamentos irregulares.